

IMAGEM DO PODER NA TRAGÉDIA DE SÉNECA ¹

1 – INTRODUÇÃO

Quando se procura analisar a mensagem política da tragédia antiga, onde as figuras centrais são, por norma, figuras régias, a primeira singularidade que se coloca é que nem a Atenas do séc.V nem a Roma do séc.III eram governadas por reis.

E, por outro lado, é inquestionável que a tragédia clássica grega desempenhava uma missão formadora do espírito da pólis, com uma vertente de parénese democrática indubitável.

Porque discutir então questões políticas com base num modelo de organização da pólis que não era representativo da realidade?

Neste caso, e para além das razões inerentes aos cânones literários existentes na época, parece perfeitamente aceitável a explicação de P. Grimal: “La tragédie ne connaît pas de monarchie constitutionnelle. Les rois qu’elle représente symbolisent le pouvoir à l’état pur”².

Tal interpretação permite entender que, na Atenas dos séculos V e IV, a tragédia poderia, no referente político concreto, tentar expurgar qualquer tendência para o abuso do poder, isto é, para a tirania, termo com que a fraseologia política da época designava essa apetência pela dominação tirânica.

¹ O texto, aqui editado em homenagem ao Doutor José Geraldes Freire resulta de versões anteriores apresentadas no III Congresso Internacional da SBEC, no Rio de Janeiro, e como conferência na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em Outubro de 1996; e, ainda, como oração de sapiência na solene abertura das aulas da Faculdade de Letras da Universidade Católica Portuguesa, em Viseu, em Janeiro de 1997.

² P. Grimal 1992 409.

Em Roma, o abuso de poder a esconjurar seria, na época arcaica, designado como *adfectatio regni* ou aspiração à monarquia³. E, na época tardo-republicana e imperial, a discussão sobre o modelo constitucional do Principado, com as suas variantes terminológicas, não excluía o modelo monocrático. Nessa medida, os reis e tiranos da tragédia, também conhecidos da retórica, teriam em Roma uma capacidade de evocação muito mais concreta do que na Atenas coeva da tragédia clássica⁴.

A investigação sobre a mensagem e o ideário político da tragédia senequiana, e limitar-me-ei à análise do discurso de personagens masculinas detentoras ou próximas do poder, evidenciará a existência de três tipos de personagem política:

- o primeiro, caracterizado pela linearidade, aplica-se a personagens totalmente perversas e despojadas de qualquer sentimento ou traço de bondade: é o caso de Atreu, Egisto, Etéocles e Polinices, Hipólito, Jasão, Lico, Pirro e Teseu;
- o segundo é marcado pela alternância de qualidades, tendendo ora para o bem ora para o mal, mas condenado a cair, em momento fatal, na perversão do poder e a ser castigado: é o caso de Agamémnon, Creonte e Tiestes, e ainda do Édipo de *Rei Édipo*;
- o terceiro tipo é afim do anterior; nesta categoria incluo Astíanax, a criança destinada a exercer um poder de cariz tirânico, mas que, na sua candura, finalmente se redime pelo sacrifício voluntário; e, sobretudo Hércules, aquele que, após tantos trabalhos, choro e dor, no mais fundo do desespero e da prostração, apoiado por Hécuba, Anfitrião e Teseu, encontra forças para assumir o maior de todos os trabalhos, a vitória sobre si mesmo, a virtude como via de imortalidade.

Na caracterização dessas personagens não se esperará a congruência de um tratado, e muitas vezes deverá ser tida em conta a possibilidade de uma multiplicação de leituras e, no domínio filosófico, de alguma incongruência ditada por motivos de ordem estética, em especial quanto ao desfecho.

³ Ou simplesmente *regnum*, como escreve J. R. Dunkle 1967 157: "The charge of regnum is probably as old as the Republic itself". Sobre a questão, ver F. Oliveira 1992 58-60.

⁴ Na senda de E. J. Kenney – W. V. Clausen 1989 572 ("La crítica no puede cometer un error de base más desastroso que suponer que Séneca imita simplemente a los griegos, o que la tragedia ática puede servir como punto de referencia para la valoración de la tragedia de Séneca"), a minha análise supõe que a tragédia de Séneca é uma obra original.

De facto, a tragédia senequiana contém uma multiplicidade de registos originados em simpatias filosóficas, caso do estoicismo; na permeabilidade a uma tradição parenética difusa, de origem cínica; na presença de uma tonalidade de sabor epicurista decorrente de uma tendência sincrética típica do autor; na necessidade dramática de confrontar pontos de vista diferentes e até antagónicos; na conveniência retórica de convencer ou refutar com a argumentação apropriada ao momento, sacrificando por vezes a coerência ideológica⁵; no pressuposto pedagógico da eficácia do exemplo negativo; acaso na convicção estética de que a estrutura dramática da sua tragédia promove uma reflexão crítica acerca das paixões⁶.

2 – ANÁLISE DAS FIGURAS

2.1 – OS *EXEMPLA* NEGATIVOS OU PERSONAGENS TOTALMENTE PERVERSAS

2.1.1 – ATREU

Entre as figuras totalmente negativas sobressai, no *Tiestes*, Atreu, um verdadeiro Titã do mal⁷.

A linearidade da sua apresentação como tirano ressalta logo da auto-caracterização como *iratus Atreus* (*Thy.*176-180). No diálogo com o seu subalterno (v.204-335), Atreu revela todas as características que, ao longo da peça, dele fazem o paradigma do tirano: opressor das consciências (v. 205-207); promotor de lisonja e adulação, que considera *laus uera* (v. 211-212); defensor de uma governação amoral e completamente arbitrária⁸, da discórdia familiar e do furor (v.220-253). Atreu repudia a *pietas* (*Thy.*248 ss.); concebe o governante como senhor da vida e da morte, a seu completo arbítrio (v.245-248); adopta o sadismo (v.254 ss.), a severidade e a criminalidade como princípios de governação⁹.

⁵ A retórica baseia-se na correcção do raciocínio; e ao trabalho de composição de Séneca não repugna amalgamar influências diversas, como ele próprio confessa em *Ep.*84.

⁶ M. C. Nussbaum 1993 148.

⁷ Expressão de U. Nnoche 1972 481; I. Opelt 1972 b 115 chama-lhe “Prototyp des vollkommenen Verbrechers”; R. J. Tarrant 1985 ad 176-178 caracteriza-o como “explosão de energia verbal ... carácter turbulento”.

⁸ Ver, em especial, *Thy.*217-218: *Sanctitas, pietas, fides // priuata bona sunt; qua iuuat reges eant*, onde se afirma a figura de um governante *supra leges*.

⁹ A delinquência de Atreu aparece em *Thy.*265 e 285: *nefas*; 256 e 271: *facinus*; 195, 273, 285, 322 e 1097: *scelus*; 219: *nocere*. P. Poe 1969 acentua os aspectos sádicos e masoquistas

Atreu aparece como possuidor de uma alma doente de várias afecções e de uma impiedade que o leva a querer igualar-se aos deuses¹⁰. Não admira, por isso, que se proclame *tyrannus, regum rex* e *dominus*¹¹.

O seu próprio subalterno, depois de fazer referência à *fides* que o une ao amo, não deixa de recordar que a sua relação se baseia também no medo (v. 334-335). E nunca fala em *pietas*.

O coro descreve-o com os epítetos de *ferus, acer, nec potens mentis, truculentus* (v. 546-547), e o Mensageiro recorda que o seu palácio é uma fortaleza erigida contra a rebelião do povo (v. 641-645).

Em suma, Atreu é enfaticamente apresentado de forma linear como o tirano perverso e sádico, que como tal se assume.

2.1.2 – EGISTO

Tirano é também Egisto, personagem singular do *Agamémnon*. Cobarde, adúltero, de nascimento duvidoso e exilado (Ag. 295-301, 881), Egisto exerce sobre Clitemnestra uma verdadeira chantagem psicológica, incitando-a ao crime¹². Com suas palavras mansas e conselhos perversos (v. 289-291), passa da maledicência (v. 275-279) à ameaça velada (v. 280-283).

A retirada de cena, com Clitemnestra, para lugares e conciliábulos reservados, deixa dele a imagem do conspirador¹³, de resto detestado por Cassandra e por Electra¹⁴.

da caracterização de Atreu e, na p. 366, escreve: “The passion for violence in Atreus is almost a physical affection”; para R. J. Tarrant 1985 ad loc., *Thy.* 267-286 está “among Seneca’s most remarkable depictions of a mind in the grip of ira”.

¹⁰ A ideia de afecção da alma é dada em especial pela metáfora *tumor, tumens*, e.g. em *Thy.* 519 e 737, e exprime-se pela ocorrência de conceitos como insaciabilidade (*Thy.* 252, 890), *furor* (v. 253, 682); ira (v. 504, 519, 713, 735); sadismo extremo (v. 250 ss. e 1052 ss.); *odium* (v.323); *superbia* (v.885 ss.); *saeuitia* (v. 715, 737-740); impiedade (v. 691 ss., 888 e 911).

¹¹ Respectivamente nos v. 177, 911-912 e 299; a imagem de Atreu como tirano é tradicional na cena romana (vide A. La Penna 1972). J. Dangel 1990 112 fala mesmo numa “véritable séduction du personnage d’Atrée sur l’imaginaire romain”.

¹² Atente-se em toda a sua fala em Ag. 244-259 e na reacção de Clitemnestra nos v.260-261; soa a falso aprontar-se a morrer se Clitemnestra o ordenar (v. 304-305).

¹³ Cf. Ag. 309: *consilia*, ideia já preparada no v.290.

¹⁴ Cassandra chama-lhe *exul et adulter* (Ag. 884), *semiuir* (Ag. 890), incapaz de golpe viril (Ag. 891: *nec penitus egit: uulnere in medio stupet*), e acusa-o de ser filho de Tiestes (Ag. 907). Electra invectiva-o como *hostis* (Ag. 911), usurpador e devasso (v. 927: *Aegisthus arces uenere quaesitas tenet* ‘Egisto ocupa a cidadela conquistada com o seu sexo’), acusa-o de adultério (v. 955), desdenha dele com um pejorativo *iste* (v. 962).

Mas Egisto, quando fica senhor do poder (Ag. 978: *Consorts regni*), passa da pusilanimidade à valentia, e, às ordens de Clitemnestra, empunha o ferro (Ag. 986), disposto a aprisionar e a exilar. E, quando Electra lhe pede a morte, invectiva-a como monstro (v. 997) e reage como Lico em relação a Anfitrião, negando-lha ¹⁵:

AEG. Si recusares, darem:
rudis est tyrannus morte qui poenam exigit.
EL. Mortem aliquid ultra est?
AEG. Vita, si cupias mori.

EG. Se recusasses, dava-ta.
É rude o tirano que castiga com a morte.
EL. Existe castigo ainda maior do que a morte?
EG. A vida, para quem deseja a morte.

Egisto representa o domínio da *libido*, característica doença da alma de um tirano ¹⁶. Quando assume o poder, exerce-o com sadismo, violentando o direito individual à morte, com isso merecendo o castigo visionado por Cassandra (Ag. 1012).

Representa ainda o perigo da proximidade do poder e, enquanto *semiuir* e *adulter*, juntamente com Clitemnestra, simboliza o perigo da intervenção feminina na política.

2.1.3 – ETÉOCLES E POLINICES

A ambição desmedida pelo poder é representada pelos filhos de Édipo e de Jocasta, Etéocles e Polinices, tão bem retratados nas *Fenícias* de Séneca. Manchados por uma hereditariedade nefasta (*Phoen.* 287, 337-338), os dois frutos do incesto lutam, no dizer de Édipo, por um ceptro que ninguém empunhará sem derramar sangue (v. 274-278). Desprezam a *pietas* ou concórdia familiar e a *fides*, e preferem as armas, assim causando a ruína de Tebas já esgotada ¹⁷.

¹⁵ Ag.994-996; cf. *Her.F.*511-512; também Teseu impede Fedra de morrer (cf. *Phaed.*877).

¹⁶ R. J. Tarant 1976 ad 269 chama-lhe “prospective tyrant”.

¹⁷ *Phoen.*284-285: *non leuis fessis uenit // ruina Thebis*; 279-280: *Iacta iam sunt semina // cladis futurae*. A ocorrência do termo *fessis* sugere registro da ideologia do Principado, conforme descrita por J. Béranger 1953.

Também Antígona vê nos irmãos a imagem do furor e da guerra ímpia¹⁸. Mas ainda crê na possibilidade de mediação (v. 288 ss.). Já Édipo não tem qualquer esperança nesses dois jovens cheios de ira, e deles traça um dos retratos mais negativos da tragédia senequiana, incitando-os à guerra fratricida¹⁹:

OED. Illis parentis ullus aut aequi est amor
 auidis cruoris, imperii, armorum, doli,
 diris, scelestis, breuiter ut dicam, meis?
 Certant in omne facinus et pensi nihil
 ducunt, ubi illos in ira praecipites agit,
 nefasque nullum per nefas nati putant.
 Non patris illos tangit afflicti pudor,
 non patria: regno pectus attonitum furit.

ÉDIPO Algum amor a seu pai ou à justiça têm esses
 ávidos de sangue, de poder, de armas, de dolo,
 esses duros, celerados, para ser breve, filhos meus?
 Disputam toda a espécie de maldade e nenhum limite
 conhecem, quando a ira os arrasta ao precipício,
 e, nascidos de um crime, nada reputam crime.
 Não os toca a desonra de um pai aflito,
 não os toca a pátria: por um reino, possesso, o seu peito delira.
 Sei para onde são levados, quanto se preparam para fazer.

A própria mãe Jocasta começa por reafirmar a hereditariedade nefasta²⁰, antes de recordar a fratricida luta pelo poder, iniciada por Polinices²¹. E quando avança para o meio do campo de batalha, observa que à pressa dos generais não agrada a lentidão da marcha dos exércitos (v. 419). Na tentativa de mediação, chama-os à razão, e, em nome da *pietas* (v. 451 e 455) e da *fides* (v. 477), procura evitar um crime consciente (v.454), chega a oferecer-se como vítima (v. 457), lamenta a falsidade de Polinices, que considera *infestus* (v. 492), receia as insídias de ambos (v. 489), conhece o *pacis odium* de Etéocles (v. 484).

¹⁸ *Phoen.* 289-290: *natos furentes*; cf. v. 290: *impij belli minas*; v. 402: *impia arma*; v. 467-468: *impium ense*.

¹⁹ *Phoen.* 295-332 e 350-362; são citados os v. 295-302. Observa Th. Hirschberg, ad 295-306: "Oedipus hat keine Macht über die Brüder". O furor pela guerra é longamente exemplificado na II Parte das *Fenícias*.

²⁰ *Phoen.* 367-369: *sum nocens ... feci nocentes ... peperij nocentes*.

²¹ *Phoen.* 378-379: *Regnum reposcit: causa repentis bona est // mala sic petentis*.

Mas Polinices, o exilado cujo dote foi a guerra (v. 510), já não acredita na *pietas* nem na *fides* (v. 477-480). Ele próprio é símbolo de terror (v. 522), de furor (v. 557), de ruína da pátria (v. 562, 579 ss.). As suas armas são infestas (v. 560), a sua alma doente (v. 585). Fica por isso duvidoso o sucesso da iniciativa de Jocasta para o demover da guerra (*Phoen.* 579-585):

IOC. Potesne ciues leto et exitio datos
uidere passim? Moenibus caris potes
hostem admouere, sanguine et flamma potes
implere Thebas? Tam ferus durum geris
saeuumque in iras pectus? Et nondum imperas. –
Quid scepra facient? Pone uaesanos, precor,
animi tumores teque pietati refer.

JOCASTA Podes ver concidadãos destinados à morte e à destruição, por todo o lado? Para estas muralhas, podes deslocar um inimigo, de sangue e de chamas podes encher Tebas? Tão feroz, inclinas para a ira o teu peito duro e cruel? E ainda não tens o poder! O que os ceptros não farão! Depõe, eu te suplico, esses malsãos tumores da alma e entrega-te à piedade!

Polinices é o acabado exemplo do anti-sábio, aquele que, perante a dicotomia *rex/inops* ‘rei/pobre’, *seruitium/regnum* ‘servidão/realeza’, claramente prefere reinar (*Phoen.* 586-598) com ceptro severo (v. 599-600). A sua cedência final aparece como retardamento da tomada do poder, após o previsto derrube do irmão às mãos do povo irado.

É que Etéocles ainda é pior: fraudulento e criminoso (*Phoen.* v. 589-590, 643), é soberbo (v. 593), desrespeita a *fides* (v. 649-650). Para ele, *odium* é sinónimo de *regnum* (v.656), e governar com amor é governar com mão lânguida (v. 659). E está disposto a obter o poder à custa do crime (v. 624), do sacrifício da pátria, dos Penates, da família, revelando, assim, uma completa ausência de *pietas* (v. 663-664)²². Não deixará, por isso, de merecer o castigo merecido (v. 651-653).

Etéocles e Polinices representam, assim, o furor juvenil, a ânsia de poder dos monarcas novos ou pretendentes, a total primazia da *libido regni* sobre a *pietas erga patriam*, da ambição do poder sobre o amor à pátria²³.

²² Como escreve I. Opelt 1972a 275 e 284, “Eteocles verköpert unter allen Gewaltherrschern Senecas den höchsten Grad der Preisgabe an die Macht”.

²³ Cf. *Phoen.* 645-653, para Etéocles, que, no dizer de Sipple 1938 78, é o “Typus des Tyrannen”.

2.1.4 – HIPÓLITO

Juvenil é também Hipólito, contra quem tanto Fedra, na peça homónima, como a Ama lançam numerosas invectivas facilmente situáveis no léxico da simpatia e da antipatia políticas²⁴. De facto, quando a Ama caracteriza a aversão de Hipólito ao feminino com os adjectivos *ferus* e *immitis*, e recorrentemente qualifica o jovem de *tristis* e *intractabilis*²⁵, facilmente estabelecemos paralelo com o governante despojado de *clementia* e de *comitas*. E, sintomaticamente, a tentativa de levar Hipólito aos domínios de Afrodite encerra com um conselho que alia o amor à sociabilização (*Phaed.* 481-482):

NVT. Proinde uitae sequere naturam ducem:
urbem frequenta, ciuium coetum cole.

AMA Assim, segue a natureza, guia da nossa vida,
frequenta a cidade, cultiva a companhia dos cidadãos.

Esta ideia de sociabilidade, que politicamente pode traduzir-se pelo conceito de *facilitas* ‘afabilidade’ (cf. v.414) e pela noção de *primus inter pares*, supõe um governante que governa por amor; e, aqui, o amor aos cidadãos, no plano pessoal, seria uma forma de encontrar o amor feminino²⁶.

O próprio Teseu, que tinha em Hipólito um *clarus imperii comes et certus heres* ‘ilustre colega de poder e herdeiro certo’, (v. 1111-1112) parece, com a sua ausência, ter descurado a formação de Hipólito, ou tê-la mal interpretado. Estupefacto perante a notícia do estupro, invectiva-o com as maiores ofensas: *lues* ‘flagelo’ (v. 905); fera (v. 913, 923: *efferratus*); escravo de um furor congénito (v.909), hipócrita²⁷, refalsado criminoso e delinquente (v. 918-925), *raptor* ‘violador’ (v.999).

E quando chora a morte de Hipólito, Teseu não rebate estas acusações, limita-se a classificar o crime como falso (v. 1209). Por seu lado, Fedra reabilita-o somente com os qualificativos *castus*, *pudicus*, *insons* (v. 1195-

²⁴ Para o assunto, siga as obras de I. Opelt 1965 e Hellegouarch'h 1972.

²⁵ Ver as ocorrências de *ferus* (*Phaed.*240, 414), *ferox* (416), *immitis* (v.231; cf. 226, para Teseu), *tristis* (v. 271, 413, 449, 453, 462) e *intractabilis* (v. 229, 271, cf. 580).

²⁶ Cf. *Phaed.* 415: *amare discat, mutuos ignes ferat*; a recusa do contacto amoroso permite atribuir-lhe o qualificativo tirânico de *superbus* (v.703). Sobre a sua caracterização, cf. C. Pimentel 1993 50 ss.

²⁷ Acusação visível na recorrência de pejorativos *ficta maiestas* (v.915) e simulada *grauitas* (v.917); falsa *simplicitas* (v.916), que, segundo M. Coffy – R. Mayer 1990 ad 915-917 sugerem a hipocrisia dos filósofos da época de Séneca.

-1196). Ora fora a mesma Fedra quem contra ele lançara a tentação do poder (v. 617-622). Mas do poder já ele desdenhara em longa perlanga com a ama (v. 483-564), num estendal de toda a fraseologia cínica da oposição *rex/inops*.

Cabe perguntar: se era ilustre colega de poder e herdeiro certo, que fazia Hipólito como actividade política? Caçar, com um longo séquito de cães e pessoal e ricos apetrechos? Cultivar na vida selvagem a glória da floresta ²⁸?

Hipólito poderá representar, no plano da mensagem política, o herdeiro do trono cujas qualidades não indiciam uma boa governação. Além de se entregar a uma vida de lazer, bem escudada numa pregação cínico-estóica, tudo nele é politicamente negativo, como negativos são os atributos que compartilha com Atreu: *toruus* (v. 416) e *truculentus* (v. 461).

2.1.5 – JASÃO

Negativa é também a caracterização de Jasão, o amante da bárbara Medeia, em cujo retrato sobressai o estigma da baixa condição social ²⁹, o facto de apoiar a ambição política no domínio que exerce sobre o sexo feminino, que utiliza como instrumento das suas maquinações, resguardando a ‘pureza’ das suas mãos ³⁰, e ainda uma pusilanimidade e um medo reite-radamente desvendados ³¹.

²⁸ Em *Phaed.*82, a expressão *Vocor in siluas* designa o ideal da *theriodes bios* ‘vida selvagem’, preferência que leva Fedra a exclaimar, no v.112: *Quid furens saltus amas?*; G. Solimano (1986) 101 fala no “mondo venatorio e asociale di Ippolito”; F. Dupont 1991 131 descreve Hipólito como “un monstre tyrannique, un lion dévorant ses sujets ... Le chant d’Hippolyte est bien celui d’un chef sauvage”. A imagética da caça como expressão do poder é também referida por Boyle 1985 1305 ss.

²⁹ Recorrência de *exul* em *Med.* 21 e 255.

³⁰ Cf. *Med.* 262-265; 278-280; 498-503.

³¹ *Med.* 102-106: Jasão foi arrancado ao amor de Medeia, que abraçara *inuita dextera* e *trepidus* (cf. *Her. O.* 654); v. 218-219: é objecto passivo do amor de Creúsa; v. 255-256: Creonte acolheu-o como *generum exulem legendo et afflictum et graui // terrore pauidum*; v. 272-280: Medeia acusa-o de cumplicidade e de ser o beneficiário do crime, logo um delinquente (*comes, sons, nocens*; cf. v. 465 ss., 500; 531-537; 933); v. 415-419: referem-se-lhe os verbos *timere* e *extimescere*, os adjectivos *coactus* (v. 417) e, ironicamente, *ferox* (v. 419); v.437: desculpa-se que não foi o *timor* mas a *pietas* que lhe fez esquecer a *fides*; v. 490-494: Jasão tenta demover Medeia com ameaças veladas, e convida-a a ter medo (cf. v. 516 e 519); v.496: assume o seu direito a novos amores e a conseqüente ruptura da *fides*; v. 509: revela a sua aspiração a deter o poder com Creúsa; v. 515: desculpa o seu medo com a perseguição movida pelos reis (cf. v. 529: *alta extimesco sceptris*); v. 920: Medeia chama-lhe *hostis meus*. Como bem escreve W. de Medeiros 1991 51, “Jasão tem medo dos reis, Jasão tem medo, até, de prolongar aquele colóquio suspeito”.

Jasão revelar-se-á um pai extremado, decidido a enfrentar a coacção (*Med.* 544-549) e, no final, a morrer pelos filhos (v. 1005). E, já no comando de forças militares, irá propor a retoma da *fides* conjugal (v. 1002-1004).

Mas é tarde, e um pedido de amor não se faz com guarda-de-corpo. Recebe o conseqüente sarcasmo de Medeia (*Med.* 1007-1008):

MED. I nunc, superbe, uirginum thalamos pete,
relinque matres.

MEDEIA Vá, agora, soberbo, cobiça o leito das virgens,
abandona as mães...

Estamos, mais uma vez, perante o protótipo do tirano dominado pela *libido*, desrespeitador da *fides*, ansioso de poder, egoísta³², pusilânime, mas pronto a usar a força logo que a detém. É castigado naquilo que alguma humanidade lhe poderia dar – os filhos.

Por outro lado, enquanto timorato, Jasão representa o medo imposto pelos tiranos.

2.1.6 – LICO

Também a tragédia *Hércules Furioso* oferece um assumido exemplo de governação pela força e pelo terror na personagem de Lico, a quem Mégara acusa de criminoso, delinquente, de governar pela força e pelo terror, e de matar³³. Ao aplicar-lhe a expressão *truculenta manus* (v. 254), Mégara claramente o distingue de Hércules, cuja mão é *iusta* (v. 272).

O aparecimento de Lico é cenicamente uma demonstração de força, como observa Mégara (v. 329-331):

MEG. Sed ecce saeuus ac minas uultu gerens
et qualis animo est, talis incessu uenit
aliena dextra scepra concutiens Lycus.

MÉGARA Ei-lo, feroz e com um rosto que respira ameaças,
a aproximar-se com um passo semelhante ao seu espírito,
empunhando na sua mão direita um ceptro alheio – Lico.

³² Cf. G. Maurach 1972 305.

³³ *Her. F.* 251-258, e em especial o v. 253: *ius est in armis; opprimit leges timor*; chama-lhe ainda revolucionário, *exitium e lues* (v. 358-359). Cf. Sipple 1938 63: de forma inovadora em relação a Eurípides, Lico representa, em *Her. F.*, o lado oposto do governante ideal.

Na sua postura de tirano ilustrado, pretende desde logo rechaçar as invectivas dos adversários contra a sua origem humilde (*Her. F.337-338*) e contra a instabilidade do poder e da fortuna, e procura legitimação para um poder baseado na força (v. 340-342) e na vitória (v. 399-402).

Consciente da sua impopularidade, menospreza a opinião pública e cultiva o ódio³⁴. E julga, como prevenção, encontrar a estabilidade do poder no casamento com Mégara (v. 344 ss.). Mas, à sua proposta, esta responde primeiro com o silêncio, depois com violenta invectiva contra toda a sua família e contra o sanguinário Creonte, que não escapará ao destino de um tirano³⁵.

E mais uma vez Lico assume o seu papel de usurpador do trono pela violência (v. 399 e 401), de governante *supra leges*³⁶, cruento (402), intemperante na sua ira (v. 403-405), ambicioso de poder (v. 407), mas pronto a depor as armas e a oferecer-lhe o tálamo³⁷, com promessas de ricos presentes (v. 427-428) misturadas com desdém pelos trabalhos de Hércules (v. 422 ss.).

A persistência na recusa leva-o a ameaçar Mégara de morte e de estupro³⁸, antes de se despedir de cena com ímpio sarcasmo, ordenando a carnificina de Mégara e dos filhos, e deixando uma refinada afirmação do arbitrário direito de vida e de morte, ante o pedido de Anfitrião. São as seguintes as suas palavras (*Her. F.511-512*):

LYC. Qui morte cunctos luere supplicium iubet
nescit tyrannus esse: diuersa inroga;
miserum ueta perire, felicem iube.

LICO Quem para todos ordena a morte como suplício,
não sabe ser tirano. Impõe ordens diversas:
ao infeliz, proíbe-o de morrer; ao feliz, manda-o matar.

³⁴ Ideia expressa por *inuidia* (v. 352-353) e *odium* (v. 382-383, na boca de Mégara: *odium tui, quod esse cum populo mihi // commune doleo*).

³⁵ *Her. F.371* ss., e em especial v. 395-396 e 384-385, pela boca de Mégara:

*Dominare tumidus, spiritus altos gere:
sequitur superbos ultor a tergo deus.*

Vá, domina, ó tímido, mostra a altivez de um senhor!

Atrás de um soberbo caminha um deus vingador!

³⁶ *Her.F.400-401*; R. J. Tarrant 1985 no comentário a *Thy.214-215*, escreve que “the demand for total license is typical of Senecan tyrant-figures” e elenca vários passos da tragédia senequiana para o provar.

³⁷ *Her.F.413: es rege coniunx digna: sociemus toros.*

³⁸ Ameaças de morte: *Her.F.348-351*, 429, 506-508, que Mégara devolve nos v. 495-500; a notação do estupro, bem visível no v. 494 (*coacta*) baseia-se também na sua identificação com o deus supremo, no v. 489: *Quod Ioui, hoc regi licet* (cf. v. 503-505).

Lico representa, assim, a degeneração sádica do poder, o usurpador pseudo-ilustrado, um fantoche que leu algumas cartilhas e julga tudo saber sobre política, um tirano provinciano³⁹. A sua caracterização é tão negra e violenta que não se justifica um novo aparecimento da personagem – como se a mesma saísse directamente para a morte que Mégara lhe predissera.

2.1.7 – PIRRO

Não dissemelhante de Lico, enquanto exemplo do tirano que se apoia na força, é o filho de Aquiles, Pirro, o qual, na peça *As Troianas*, desempenha a nobre missão de prestar as honras devidas a seu defunto pai, cujas façanhas recorda, dele traçando a imagem de um guerreiro devastador⁴⁰.

Mas, tendo sacrificado a sua filha Ifigénia, Agamémnon hesita agora em imolar Políxena à sombra de Aquiles (*Tro.* 246-249). E logo Pirro acusa Agamémnon de hipocrisia. E este retribui com invectiva: o jovem deixa-se dominar pelas paixões, isto é, pela *intemperantia* (*Tro.* 250), e por uma violência herdada do seu tímido pai (v. 252-253). Pedagogicamente, convida-o a precaver-se contra a soberba⁴¹.

Pirro responde-lhe de forma ousada, invectiva Agamémnon com ferocidade, chegando mesmo à ameaça (v. 301-310). E mostra-se orgulhoso da sua ascendência divina (v. 340 e 346) quando Agamémnon censura a sua origem e pátria modestas (v. 339 e 342) e o acusa de impiedade por trucidar cativos e suplicantes, qual cruel assassino⁴².

Assim, apesar de jovem, Pirro, violento nas palavras e nos actos, soberbo e intemperante, não deixa adivinhar uma governação louvável, pese embora o seu grande desejo de honrar a memória do pai.

Representa, ainda, princípios éticos primitivos nas relações e nos direitos de beligerância.

2.1.8 – TESEU

Princípios éticos primitivos, em especial no relacionamento conjugal, também Teseu ostenta na tragédia *Fedra*.

Desde o início da peça, Teseu é vituperado pela heroína como *hostis* (*Phaed.* 90), desrespeitador da *fides* conjugal (v. 92), delinquente (v. 94) e devasso (v. 97-98).

³⁹ Expressão de I. Opelt 1972b 100-101.

⁴⁰ *Tro.* 229: *Haec tanta clades gentium ac tantus pavor.*

⁴¹ *Tro.* 264-265: *Troia nos tumidos facit // nimium ac feroces* ‘Tróia nos faz tímidos e excessivamente ferozes’; no v. 349 chama-lhe *audax*.

⁴² Ver *Tro.* 310-312: matou Príamo suplicante; no v. 333 proclama: *Lex nulla capto parcit aut poenam impedit.*

Na boca da Ama, a imagem de Teseu não é mais favorável: provoca medo (v. 217), não conhece clemência, é *immitis* ‘desumano’ (v. 226), preza a violência (v.227). “Desse domínio prepotente exercido por Teseu vai nascer a tragédia”⁴³.

Quando chega dos infernos e se confronta com a decisão de suicídio de Fedra, Teseu rapidamente lhe nega o consentimento para morrer (v. 877), retirando do seu alcance todos os instrumentos de suicídio, o que era contrário à mentalidade da época. Não conseguindo que ela lhe revele o seu segredo, constitui-se em violador de consciências quando se apronta para arrancar a verdade à ama, a ferros (v.882-885).

À notícia da morte desgraçada de Hipólito, Teseu chora, sem deixar de manter o seu ódio. Representa, assim, uma falta de *pietas* e de concórdia familiares⁴⁴, também exemplificada quando Fedra o insulta como símbolo do ódio nefasto⁴⁵.

E, de facto, mais que uma vez Teseu invoca o poder de Poseídon, seu progenitor, e dos ferozes monstros do mar, projecção da sua sanha destrutiva e da sua tímida ira⁴⁶.

Quando lhe é revelada a inocência de Hipólito, Teseu lamenta-se pungentemente e declara-se culpado (v.1249) e ímpio⁴⁷. Os castigos que para si invoca são castigos refinados e extremos, os castigos dos grandes condenados⁴⁸.

Assim, como Mezêncio na *Eneida* de Virgílio, Teseu é o feroz tirano e *contemptor deum* ‘inimigo dos deuses’ que, ao perder o filho, por culpa sua, vem a arrepender-se e chorar, mas tarde. Exemplifica, dessa maneira, o perigo das faltas contra a *fides* e contra a *pietas* no interior da casa régia.

⁴³ Palavras de Segurado e Campos 1984 164, que observa ainda: “Podemos dizer que na base da peça senequiana está, uma vez mais, o problema do poder: Teseu é a sua personificação, o seu discurso é o discurso do poder, prolongamento natural do seu braço, das suas armas”; cf. Boyle 1985 1312.

⁴⁴ *Phaed.* 903 ss.; 1158: perante Fedra, classifica o cadáver de Hipólito como *corpus inuisum*.

⁴⁵ *Phaed.* 1164-1167: *O dure Theseu semper ... peruertis domum // amore semper coniugum aut odio nocens*.

⁴⁶ Cf. *Phaed.* 1204: *saeua ponti monstra*; v. 1207: *tuque semper, genitor, irae facilis assensor meae*; a própria fisionomia, tal com é apresentada nos v. 829-830, é espelho da alma de tirano.

⁴⁷ *Phaed.* 1219, traço confirmado quando censura os deuses que lhe não satisfazem os pedidos (v. 1242-1243: *Non mouent diuos preces; // at si rogarem scelera, quam proni forent* ‘As preces não movem os deuses. Mas se lhes pedisse crimes, como seriam expeditos’).

⁴⁸ Fazem também lembrar o refinamento dos cruéis tormentos inventados por tiranos como Fálaris e Perilo; cf. *Phaed.* 1220-1221: *crudus et leti artifex, // exitia machinatus insolita, effera ...*

Este facto é tanto mais significativo quanto, no *Hercules Furens*, merece o qualificativo de magnânimo⁴⁹, aparece a invocar os deuses (*Her. F.* 658 ss.), é exemplo de fidelidade para com Hércules (*Her. F.* 1334), a quem oferece asilo em Atenas e incita a dominar a ira, pois aí reside a virtude verdadeira (*Her. F.* 1276-1277). Na sua descrição dos castigos no além, faz uma verdadeira parénese em favor da governação justa (e.g. *Her. F.* 731-747, governação que, em *Fedra*, parece não seguir quando violenta a alma da Ama⁵⁰).

2.2 – O HERÓI HUMANIZADO

Tratemos agora do segundo tipo de personagens, aquelas em que se dá uma alternância de qualidades.

2.2.1 – AGAMÉMNON

Entre elas sobressai Agamémnon, o supremo rei dos reis, na peça homónima geralmente retratado como bom rei e cercado por um séquito que se distingue pela fidelidade⁵¹.

As invectivas que lhe dirige Clitemnestra, movidas mais por ciúme que por verdadeira perversão, são hesitantes; e as insinuações de Egisto vêm de uma figura sempre caracterizada negativamente⁵². Essas invectivas atacam em Agamémnon não tanto o seu passado, como quando Pirro havia recordado o sacrifício de Ifigénia, quanto o seu futuro, quando Egisto afirma que, de *rex*, Agamémnon virá transformado em *tyrannus* depois da vitória militar (*Ag.* 251-252) e que a inveja da Fortuna o tornará *tumidus* (*Ag.* 248; cf. *Tro.* 264), devasso (v. 251-254) e severo (v. 269-270 e 280-283).

As acusações de abusos sexuais lançadas por Clitemnestra são essencialmente movidas pela recusa em aceitar um séquito de concubinas, e em

⁴⁹ *Her. F.* 646: *O magni comes // magnanime nati* ‘Ó magnânimo companheiro de meu filho magnânimo’.

⁵⁰ C. Auvray-Assayas 1990 137: “... Thésée apparaît, dans la conclusion de l’échange, comme le Prince idéal dont la clémence est seule susceptible d’assurer l’évolution d’Hercule vers une compréhension rationnelle des lois”.

⁵¹ É o caso da aia de Clitemnestra (*Ag.* 288-291), de Euríbato (v. 395-396); da filha Electra (v.953 ss.); dos amigos Estrófilo e Píades (cf. v. 940-941); e até de Cassandra (v. 884: *regemne perimet exul et adulter uirum?*). A aia vê nele o *uictor Asiae* e *ultor Europae* e, numa verdadeira *suasoria* em miniatura, defende-o perante Egisto (expressão de R. J. Tarrant 1976 em relação à réplica da *Nutrix* nos v. 203-225). Para a expressão *Regum maximus rector*, ver *Tro.* 978 (cf. *Ag.* 291).

⁵² Vide supra o tratamento da sua figura.

especial Cassandra, mas são abusos que Clitemnestra se dispunha a esquecer (Ag. 260-267)⁵³.

Por outro lado, nas *Troianas*, Agamémnon defende uma concepção de poder que exemplifica na prática frente ao jovem Pirro, filho de Aquiles (Tro. 250-352), e que se baseia em firmes princípios de governação: salvaguarda dos direitos dos vencidos, com elogio da moderação e recusa da *uiolentia*⁵⁴; aversão à *superbia*⁵⁵; proclamação da inanidade do poder e das suas insígnias, como o ceptro e o diadema (v. 270-275); condenação dos excessos da ira no momento da vitória⁵⁶; proibição de sacrifícios humanos (Tro. 287-300); primazia da pátria sobre os interesses individuais, incluindo os filhos⁵⁷; adoção de princípios de governação tanto jurídicos como morais, pondo o *rex infra leges* (Tro. 334); exaltação da *clementia* como *uirtus imperatoria* ‘virtude do governante ideal’ também na política interna⁵⁸.

Este discurso é como que uma lição dada a um espírito juvenil, insultuoso, que trata Agamémnon como *regum tyrannus* (Tro. 303), sexualmente intemperante (v. 303-304), *tumidus* e *timidus* (v. 301-302), medroso (v. 315-317), imolador de virgens (v. 331; cf. 248-249).

Ora, ao desculpar a impetuosidade juvenil e a insolência de Pirro, Agamémnon mostra uma moderação e uma clemência que depois são completadas quando decide submeter o diferendo ao arbítrio de Calcas, com a garantia de que aceitará a decisão do adivinho⁵⁹.

Mas as previsões de Egisto vêm a confirmar-se. No faustoso cortejo triunfal, onde se inclui Cassandra em posição de destaque, Agamémnon mais uma vez se deixará cair em excessos quando exclama, apesar das admoestações de Cassandra, no momento em que se prepara para sacrificar a Júpiter e Juno: “Que há-de um vencedor temer?”⁶⁰.

⁵³ Tais liberdades sexuais seriam inerentes à condição de homem público e triunfador, escreve R. J. Tarrant 1976 ad 262 ss. Todavia, enquanto sinais de intemperança, podem constituir a expressão metafórica da sua culpabilidade, conforme observa E. Lefèvre 1972 461 e 463.

⁵⁴ Tro. 256-259. A *uiolentia* é vista como fonte de instabilidade política no v. 258: *Violenta nemo imperia continuít diu...*

⁵⁵ A aversão às características tirânicas, onde Agamémnon reconhece já algumas vezes ter caído (Tro. 266-267), é sugerida pela seguinte fraseologia: *altius*, no v. 259; *nimum*, nos v. 263 e 265; *superbus*, nos v. 267, 270; *tumidus*, no v. 264; e *ferox* no v. 265.

⁵⁶ Agamémnon tem consciência da dificuldade de disciplinar, no momento de vitória, os excessos de sangue, furor e *libido*, mas põe-lhe termo logo que possível (Tro. 279-291).

⁵⁷ Cf. Tro. 332: *Praeferre patriam liberis regem decet*.

⁵⁸ Tro. 350-351. Cf. Sipple 1938 60-62, para a valia de Agamémnon como governante ideal nas *Troianas*.

⁵⁹ Tro. 349-353; todavia, Z. A. Cardoso 1997 24 interpreta esta atitude como sinal de perda de autoridade, por transferir “a capacidade de decidir para Calcante”.

⁶⁰ Ag. 799: *Victor timere quid potest?*

O seu assassinato no meio do luxo e do fausto, com a túnica imperial transformada em ratoeira mortal, ilustra de forma muito viva a íntima e perversa corrupção do poder ⁶¹.

O castigo de Agamémnon, para além de expiação de culpas passadas ou familiares, que ele tem a humildade de confessar, é o castigo de quem, em instância decisiva e última, não resistiu ao padrão tradicional da degeneração da monarquia em tirania, inevitável, segundo Egisto.

Agamémnon cai, de facto, numa *dominatio* (cf. Ag. 280 e 886) despoletada pela vitória e pela excessiva felicidade. Tendo-se apresentado como monarca que reflecte e aprende com as suas faltas ⁶², Agamémnon acaba, assim, por ilustrar a máxima que enunciara, em suma, os perigos inevitáveis da condição real.

2.2.2 – CREONTE

Esses mesmos perigos há-de Creonte experimentá-los por intervenção de Medeia.

Logo ao anunciar a sua entrada, antes da cena que os põe frente a frente (*Med.* 179-300), Medeia começa por qualificar Creonte como governante a quem o poder causou uma afecção de alma (v. 178: *tumidus imperio* 'túmido de poder') e tornou incapaz de sofrer contestação (v. 194 ss.). Com o denegrimento da sua imagem como arbitrário tirano, pretende Medeia intimidá-lo na sua decisão de utilizar medidas radicais, ditadas pela violência ⁶³, e mover Creonte pela persuasão. E, de facto, Medeia obterá a graça de um dia para se despedir dos filhos (v. 295). É que Creonte não se assume como tirano, e isso é logo visível na sua fala inicial, quando recorda ter substituído a pena capital pelo exílio, a pedido do genro, isto é, ter renunciado à severidade, para além de ter dado asilo a Jasão ⁶⁴:

CR. Non esse me qui scepra uiolentus
nec qui superbo miserias calcem pede
testatus equidem uideor haud clare parum
generum exulem legendo.

⁶¹ Expressões de luxo no Ag.: *epulae* (875), *dapes* (876 e 885), *ostro* (877), *auro* (878), *picta ueste* (879), *textos amictus* (883). Nos v. 887ss. desenvolve-se uma metáfora cinegética, onde Agamémnon aparece como javali apanhado na rede (v. 892 ss.).

⁶² *Tro.* 263-264: *Magna momento obrui // uincendo didici* 'A grandeza pode derrocar num momento, aprendi-o com as minhas vitórias'.

⁶³ *Med.* 203: *ira*; v. 205: sugestão de *superbia*. Esta imagem senequiana de Creonte distancia-se da de Sófocles, como observa Sipple 1938 52: "Kreon ist zum brutalen Tyrannen gestempelt"; cf. I. Opelt 1972b111.

⁶⁴ Passo citado: *Med.* 252-255. O tema da *seueritas* aparece nos v. 182-185 e 490-491.

CREONTE Eu não sou dos que empunham o ceptro com
 [violência
 nem dos que calcam aos pés, com soberba, os infelizes:
 julgo que o provei, de forma não pouco evidente,
 ao acolher meu genro em seu exílio.

A preocupação de Creonte é assegurar a salvação pública quando pede a Medeia que parta e liberte os cidadãos do medo que também o atinge ⁶⁵. E só castigaria com a morte em caso de desobediência (*Med.* 297-299).

Curiosamente, pior imagem de Creonte parece ter Jasão, que o qualifica de *infestus* (v. 490) e se refere à sua ira como pesada ou *gravis* ⁶⁶.

Também no *Édipo* o seu retrato é controverso. Inicialmente, Creonte aparece como *clarus* (*Oed.* 203). Enquanto zeloso coadjuvante do rei, cumpre a missão de consultar os oráculos e os Manes infernais para solver a peste ⁶⁷. Daqui regressa tomado de medo e, consciente de que o regime monárquico é, por inerência, arbitrário e violento, reivindica a liberdade do silêncio. Coagido a falar, solicita *clementia* ⁶⁸.

Mas a sua revelação torna-o suspeito de dolo, fraude, conspiração (*Oed.* 668-670). E Creonte tem de assumir a sua própria defesa, baseada num lema político importante, o tema do *priuatus cum imperio* (*Oed.* 671 ss.). Na sua boa-fé, advoga a recusa do poder, exemplificando com a sua própria fortuna – a fortuna de quem beneficia das vantagens da proximidade do poder sem o ónus régio (*Oed.* 687; cf. v. 676). Vantagens fúteis, pois aprenderá na prisão que a proximidade do poder e o excesso de *potentia* geram ódio, medo e ruína.

Assim, Creonte, sem ser uma personagem caracterizada pela perfídia, representa, nestas duas peças, os perigos do poder – seja o poder supremo, seja a proximidade do seu exercício.

2.2.3 – ÉDIPO

Por duas peças se esparze também a figura de Édipo.

Na obra a que deu o nome, e ressaltando a cena de invectiva com Creonte, adere-lhe seguramente uma imagem de bom governante: Édipo

⁶⁵ *Med.*185: *liberet fines metu*; v.270: *libera ciues metu*; v.294: *Etsi repugnat precibus infixus timor*.

⁶⁶ *Med.*494: *gravis ira regum est semper*; a expressão repete as palavras de Medeia nos v.462-463: *Cruentis paelicem poenis premat // regalis ira*.

⁶⁷ *Oed.*210-211, no seguimento de acção extracénica realizada no decurso da intervenção coral e anunciada no v.108-109; e 399 ss.

⁶⁸ Ver *Oed.*511 e 523-529.

recusou o poder ao fugir de Corinto⁶⁹; vive atormentado pelas preocupações⁷⁰; mereceu o poder graças à sua filantropia (*Oed.* 104-105); põe em primeiro lugar o interesse público⁷¹; aparece como restaurador de um estado decaído⁷²; cultiva a *pietas erga deos* 'piedade religiosa'(v.239); aceita alguma partilha do poder (v. 210-211).

E, todavia, na iminência das revelações, Creonte tem medo do soberano (v. 512). Este medo vem a retroagir sobre o próprio Édipo e a provocar a sua transformação, levando-o, receoso de conspirações, a adoptar um comportamento ditado pela ira, a recorrer à força (v. 519), a coagir Creonte a falar quando não consegue persuadir⁷³.

Deste modo, e ao não respeitar o desejo de retiro e silêncio dos súbditos, Édipo evoca a figura do tirano e, conseqüentemente, ignora o pedido de clemência feito por Creonte (v. 528) e manda-o encarcerar (v. 707)⁷⁴.

A transição da personalidade é bem apresentada quando, à pureza, Édipo confessa a Jocasta que a *cura* 'preocupação' se mistura com o *metus* 'medo'⁷⁵; e quando, perante as reticências de Forbas em falar, o ameaça sem perda de tempo (v. 852); e ainda no momento em que põe a *salus publica* a par com o interesse privado (v. 830-831).

Na outra peça, *As Fenícias*, e apesar de Antígona e o Mensageiro ainda verem nele a imagem do governante capaz de trazer a paz aos cidadãos, o repouso à pátria, o vigor aos valores morais⁷⁶, Édipo, transtornado pela ira, recusa veementemente o papel de curador dos males públicos, convidando mesmo os filhos a superar os seus crimes⁷⁷.

Assim, quanto ao seu castigo, poderá argumentar-se que Édipo, perseguido por um oráculo, *sciens* ou *insciens* 'ciente' ou 'inconscientemente', perturbou as leis da natureza com dois crimes que não podiam passar sem castigo: o incesto (*Phoen.* 223) e o parricídio (v. 267).

⁶⁹ *Oed.*12; cf. *Phoen.*214-215: Édipo afastara-se do tumulto do poder e do seu *entourage*.

⁷⁰ Motivo do fardo do poder em *Oed.*13: *Curis solutus*; 676: *pondus*; 679: *grauia regna*; 687: *onere regio*; cf. 84: *imperii moles*.

⁷¹ O conceito de *salus* aparece em *Oed.* 108-109; 516: *s. publica*; cf. 830 e 975 (referência a *patria*).

⁷² O tema é evocado pela ocorrência de *fessis* em *Oed.* 209, a evocar a expressão *fessis rebus subuenire* ou *succurrere*, que ocorre e.g. em *Plin. Nat.* 2.18 e *Tac. Ann.* 15.50.1.

⁷³ Em *Oed.*528, Creonte pede clemência: *Coacta uerba placidus accipias precor*.

⁷⁴ I. Opelt 1972a 98.

⁷⁵ *Oed.* 764; o tema do medo de Édipo aparece também nos v. 659 e 706: *metus in auctorem redit*. No *Ag.* 73 recorda-sea ambivalência do medo nas relações de poder: *Metui cupiunt metuique timent*.

⁷⁶ *Phoen.* 290-294 e 327 respectivamente.

⁷⁷ Ver *Phoen.* 334-337, passo que Th. Hirschberg ad loc. considera perversão da ética aristocrática; e, para os os *publica mala*, o v. 348.

Mas algum oráculo o obrigava a duvidar de Creonte e a ameaçar Forbas? E quando Creonte lhe sugeriu o abandono do poder, disse alguma coisa que já não tivesse sido expressa como desejo pelo próprio Édipo (*Oed.* 12-14)?

Assim, a culpa de Édipo é também a culpa inerente ao poder, a corrupção íntima a que se submetem os seus detentores. Culpa agravada pela recusa em ouvir os conselhos dos seus próximos: Antígona, Jocasta e o Mensageiro.

2.2.4 – TIESTES

No *Tiestes* reencontramos uma personagem que tem consciência dos perigos do poder mas não consegue evitá-los. Trata-se do irmão de Atreu, Tiestes, tradicionalmente caracterizado como possuidor de um *uetus regni furor*, ambicioso do poder, adúltero e criminoso ⁷⁸.

Mas Tiestes começa por reear a proposta de partilha do poder, apresentada por seu irmão Atreu (*Thy.* 404 ss.), consciente de que o poder é inane (v. 443), que lhe é inerente o pavor do assassinato, que nem a guarda-de-corpo de um tirano poderá evitar (v. 447-458).

Essa resistência é acompanhada por uma proclamação de cariz cínico de superioridade da vida humilde sobre a opulenta ⁷⁹. Aí, Tiestes elogia a simplicidade de vida e de habitação ⁸⁰; censura todas as formas de luxo ⁸¹; a navegação (v. 459-460), o excesso de servidores (v.458), verbera os abusos do vinho (v.467), e, com um sabor muito romano, rejeita as iguarias exóticas alcançadas à custa do tributo que pesa sobre os povos submetidos ⁸²; finalmente, opõe-se à *adulatio* e ao culto do governante (v.463-464).

Nessa perlanga, Tiestes reformula o conceito de realeza e aparece como *sapiens* que, pessoalmente, já nada teme ⁸³. No encontro com Atreu,

⁷⁸ Ver *Thy.* 302 (*regni furor*); 289 (ambição de poder); 222-223e 1103 (tema do adultério); 1104 ss. (criminalidade). Recorda Hine 1981 272: "As Atreus recalls, his earlier career was one of treachery, theft, adultery and power-grabbing (cf. 220ff.), but the Thyestes of the play is a changed man".

⁷⁹ A oposição *miserfex* é longamente desenvolvida nos v. 444-470.

⁸⁰ Cf. *Thy.* 449-452; 455-457, a evocar a *domus aurea* de Nero em Suet. *Nero* 31.

⁸¹ Luxo gastronómico em *Thy.* 449-452, 460 ss.); luxo de mobiliário, como vasos dourados, no v.453: *uenenum in auro bibitur*); luxo da decoração, nos v. 451, 455-457 e 465-466 (jardins suspensos e fontes aquecidas).

⁸² *Thy.* 460-461: *nec uentrem improbum // alimus tributo gentium*.

⁸³ Conceito de realeza ideal em *Thy.* 470: *Immane regnum est posse sine regno pati*; cf. v. 443; ausência de medo nos v. 468 e 485. Tais considerações estão no pólo oposto ao afirmado por Atreu quando identifica realeza e crime nos v. 312 ss.: *Vt nemo doceat fraudis*

em nome da *pietas* e da *fides*, dispõe-se a depor a ira quando humildemente se ajoelha como suplicante (*Thy.* 512-520), num gesto que pela primeira vez realiza, como Hércules ao invocar Júpiter e Juno (*Her. O.* 1290 ss.).

Mas, perante os pedidos dos seus filhos (v. 442: *Pater, potes regnare*), baqueia, e o seu regresso a Micenas, em vez de um progresso no caminho da sabedoria, é um retrocesso, justificado como cedência ao seu *entourage*⁸⁴. Assim, Tiestes vai enfrentar a perfídia de um Atreu que lhe propõe a partilha do poder com todas as suas prerrogativas e marcas externas (v. 524-527):

AT. Squalidam uestem exue
oculisque nostris parce et ornatus cape
pares meis laetusque fraterni imperi
capesse partem.

ATREU Despe esse vestuário miserável,
poupa os nossos olhos, toma estes ornamentos
iguais aos meus, e, alegre, assume parte
do poder de teu irmão ...

De início, Tiestes entra num jogo de recusa, proclama preferir manter-se afastado, alega mesmo uma reacção fisiológica contrária à posse do ceptro (v. 531-533), prefere ser um simples *priuatus*⁸⁵. Mas, perante a chantagem emocional e o propósito de renúncia de Atreu, acaba por aceitar o diadema que perfidamente o irmão lhe oferece (v. 542-543):

TH. Accipio: regni nomen impositi feram,
sed iura et arma seruiant mecum tibi.
AT. Imposita capiti uincla uenerando gere;

TESEU Aceito. Assumirei o título do poder que me impões.
Mas o direito e as armas estarão comigo ao teu serviço.
ATREU Recebe este diadema posto na tua cabeça venerável.

A conseqüente transformação consuma-se num banquete, onde Tiestes revela a sua intemperança em excessos de toilette, gula, e embriaguez, com

et sceleris uias, // regnum docebit. Sobre as interpretações filosóficas da figura de Tiestes, ver E. Lefèvre 1985 esp. 1269 ss.

⁸⁴ *Thy.* 489: *ego uos sequor, non duco.* Mas, como escreve Segurado Campos 1982 225, “ceux-ci signifient, à mon avis, la volonté de pouvoir qui pousse Thyeste à revenir à Argos”; E. Lefèvre 1985 1279: “Warum kehrte Thyestes zurück wenn nicht um der Herrschaft willen?”; afinal, é o que Atreu pensava, de acordo com o v. 288: *Non poterat capi, // nisi capere uellet.*

⁸⁵ *Thy.* 533-534: *Liceat in media mihi // latere turba.*

a fome e a sede a servirem de expressão metafórica da ânsia de poder inerente ao mito de Tântalo. É expressivo, a esse propósito, o relato do Mensageiro ⁸⁶:

NVN. Lancinat gnatos pater
artusque mandit ore funesto suos;
nitet fluente madidus unguento comam
grauisque uino.

MENSAGEIRO O pai dilacera os filhos,
e, com sua boca funesta, devora corpos que são seus.
Resplandece, encharcado em perfumes a escorrer da cabeleira
e pesado de vinho.

Ironicamente, é Atreu quem vai refrear estes excessos, como se pode ver no aparte dos v.898-901:

AT. Nimis diu conuiuia securo iaces
hilarique uultu; iam satis mensis datum est
satisque Baccho: sobrio tanta ad mala
opus est Thyeste.

ATREU Há demasiado tempo te reclinás, conviva, em segurança e com a alegria no rosto. Já chega de comida, já chega de bebida. Para tão grandes males, de um Tiestes sóbrio se precisa.

Tiestes assume explicitamente esta mudança ou recuperação de personalidade, inclusive na sua expressão externa, e acaba por renunciar a toda a anterior disposição de viver afastado da riqueza ⁸⁷.

Utilizando o termo *egestas* ‘miséria’ para descrever a sua situação anterior, Tiestes prefere agora perfilhar o outro pólo da oposição cínica *miser/felix*, o da riqueza. Abandona, em congruência, aquilo que inicialmente parecera exaltar como ideal, numa verdadeira palinódia ⁸⁸:

⁸⁶ Comparar o passo citado, *Thy.* 777-781, com os v. 945-948 e 955-956; a cabeleira desganhada já fora referida em 505-506, passo que Tarrant 1985 *ad loc.* considera paródia das suas pretensões de sábio.

⁸⁷ *Thy.*937: *ueterem ex animo mitte Thyesten* ‘Expulsa da tua alma o Tiestes de outrora’.

⁸⁸ Expressão de E. Lefèvre 1985 1275; o passo citado é *Thy.* 922-925.

TH. fugiat maeror fugiatque pauor,
 fugiat trepidi comes exilii
 tristis egestas rebusque grauis
 pudor afflictis ...

TIESTES Fuja a tristeza e fuja o pavor,
 fuja a companheira do trépido exílio,
 a pobreza triste e o pudor,
 pesado para os aflitos ...

Mas à intemperança, às iguarias, ao vinho, ao diadema, aos perfumes logo sucedem o terror, a dor (cf. v. 942-969), a revelação, progressiva e sádica, da decepada cabeça das crianças e do banquete antropofágico, a despertar nele exasperados sentimentos de vingança.

Deste modo, Tiestes, que se podia ter conservado no caminho da felicidade, isento de *curae* ‘preocupações’, é atraído para junto do poder e corrompido, regressando à sua caracterização tradicional como ambicioso de poder⁸⁹.

Ao nível da fisionomia também essa alteração é notória: Tiestes perde a imperturbabilidade e passa rapidamente do riso à tristeza e ao choro, os cabelos eriçam-se. Quem, num certo momento, representara a outra face do poder, a face benigna, assume, agora, o lado negativo, com todo o seu peso de calamidades.

2.3 – O HERÓI POSITIVO

As opções estéticas de Séneca, que o levavam a privilegiar a representação do mal, como vimos na caracterização das personagens referidas, facilmente nos permitem compreender que os exemplos positivos de bom governante são uma raridade, e o número seria ainda mais limitado se nos tolhessem controvérsias sobre a autoria de certas peças.

Astíanax e Hércules são, quanto a nós, as duas exceções.

⁸⁹ Este regresso iguala-o a seu irmão: “This subjection to passion is what Thyestes has in common with Atreus. He may have the best of intentions, Atreus the worst. Certainly Thyestes has none of the malice Atreus has in abundance. Yet at the end Thyestes, too, is overcome by emotion which he cannot contain and which threatens to be more violent and destructive than Atreus” (J. P. Poe 1969 375).

2.3.1 – ASTÍANAX

Astíanax é uma figura muda, mas nem por isso menos significativa. No *Agamémnon*, o Coro de Troianas, no cortejo triunfal do Atrida, recorda-o como um espécie de *princeps iuventutis*⁹⁰:

CHORVS Hinc aequaeui gregis Astyanax,
hinc Haenonio desponsa rogo
ducunt turmas, haec femineas,
ille uiriles.

CORO Dos jovens da mesma idade, de um lado Astíanax,
do outro a prometida à pira Henónia,
conduzem as formações: ela, as femininas;
ele, as masculinas.

Nas *Troianas*, é exaltada a nobreza de Astíanax e a parecença com seu pai Heitor, quando Andrómaca, ao descrever o seu sonho, fala nele de forma exaltada e premonitória (v. 461-468):

AND. O nate, magni certa progenies patris.
spes una Phrygibus, unica afflictae domus,
ueterisque suboles sanguinis nimium inclita
nimiumque patri similis, – hos uultus meus
habebat Hector, talis incessu fuit
habituque talis, sic tulit fortes manus,
sic celsus umeris, fronte sic torua minax
ceruice fusam dissipans iacta comam ...

ANDRÓMACA Ó filho, descendente inconfundível de um ilustre pai,
esperança única da Frígia, única esperança de uma casa aflita,
de um sangue antigo descendente demasiado ilustre,
e demasiado parecido com o pai: este rosto,
tinha-o o meu Heitor; tal era o seu passo,
tal o seu porte, assim ele colocava as suas mãos fortes,
assim os ombros altivos, assim, com a sua frente torva, ameaçador,
sacudia a larga cabeleira ao agitar a cabeça.

⁹⁰ O passo transcrito (*Ag* .640-643), que pode ser relacionado com o cortejo de Agamémnon vencedor (v. 778-781), suscita a questão da idade de Astíanax, assunto sobre o qual assim se pronuncia E. Fantham 1982 275: "... it would seem that Accius and Seneca perceptibly added to the child's age; Seneca may have deliberately changed the tradition to add to the boy's potential as a Stoic hero".

No seu retrato, e através da semelhança física com o pai (*vide etiam* v. 1117), Andrômaca qualifica-o como *fortis* (v. 466), *potens* (v. 659), *toruus* e *minax* (v. 467 e 504), *defensor* e *uindex* (v. 471), *ultor* (v.660), *terror* (v. 707), *Danaum timor* (v. 767). Desse modo, representa, para os Gregos, apesar da sua meninice, um perigo real ⁹¹.

Também Ulisses recorda que Astíanax infunde temor no exército, e até em si próprio ⁹², o que é bem ilustrado pelo símile que compara Astíanax a um jovem touro que já levanta a fronte ao conduzir a manada paterna, prefigurando um futuro Heitor ⁹³.

O símile do jovem touro vencedor transforma-se no do jovem touro derrubado pelo leão, quando o mensageiro relata a morte generosa de Políxena e de Astíanax. Aí, a resistência de Astíanax aos algozes é dada pela imagem da cria ainda incapaz de atacar ⁹⁴.

Perante o inevitável, a cólera juvenil deste jovem *clarus* e *nobilis*, é substituída pela aceitação do destino, que o leva a precipitar-se para a morte, impávido e de livre vontade ⁹⁵.

Astíanax, o ínclito jovem destinado a governar e a infundir terror, o herdeiro de um poder ameaçador, recebe o castigo prévio dessa tara familiar. Mas a pouca idade, com a simpatia que inspira, a coragem e a atitude estoica de aceitação do destino transformam-no também num modelo de *sapiens*.

⁹¹ *Tro.* 789-790: *paruus equidem, // sed iam timendus*; cf. v.456.

⁹² Perigo sentido pelo próprio Ulisses em *Tro.* 535 (*horreo*); no v. 628 chama-lhe *hostis* e *pestis*.

⁹³ *Tro.* 551: *futurus Hector*. É psicologicamente compreensível que a sua recusa inicial em entrar no túmulo seja entendida por Andrômaca à luz da imagem de um futuro grande guerreiro, pois a mãe entende essa recusa como ausência de medo (v.505 e 551). A sua ruína é também interpretada pela progenitora como a imagem do vencedor que não se pôde confirmar (v. 766 ss.).

⁹⁴ Para o símile do touro, ver *Tro.* 536 ss., 540 (*gregem paternum ducit ac pecori imperat.*) e esp.1093 ss:

NVN. *Qualis ingentis ferae
paruus tenerque fetus et nondum potens
saeuire dente iam tamen tollit minas
morsusque inanes temptat atque animis tumet ...*

A referência ao leão, identificável com Ulisses (cf. E. Fantham 1982 293), depreende-se dos v. 1097-1098.

⁹⁵ A cólera é descrita pelas expressões *minas* (*Tro.* 1095), *tumet* (v. 1096), *feruet superbe* (v. 1097); a aceitação estoica é sugerida nos v. 1099-1100 (*non flet e turba omnium // qui fletur*) e 1102 (*sponte sua*).

2.3.2 – HÉRCULES

Modelar é também a figura de Hércules, sem prejuízo da forte controvérsia que inspira entre as personagens da tragédia senequiana.

Assim, no *Hércules sobre o Eta*, no fogo do ciúme, Dejanira nega a filantropia dos seus trabalhos e acusa-o de ambição política e devassidão sexual ⁹⁶, de leviandade e desinteresse pela glória (*Her. O.* 416), de crime (v. 433), de violência e rapinagem (v. 412-413, 420 e 429).

O Coro das Ecalianas também dele traça uma imagem naturalmente negativa: chama-lhe *tumidus* (*Her. O.* 142) e dominado pela ira (v. 172). E Íole confirma a relação entre os trabalhos de Hércules e a sua *libido* (v. 220-224).

Não é mais favorável a opinião de Lico no *Hercules Furens*, quando, contra Mégara e Anfitrião, o vitupera pela sua origem servil e posição subalterna ⁹⁷, pela sua pretensa ascendência divina (*Her. F.* 438-451), pelo seu exílio (v. 452), pela sua infância ou nascimento difícil (v. 456), pelo exercício contestável da sua *uirtus* e da sua *fortitudo* ⁹⁸, por se submeter a mulheres (v.465 ss.), por se entregar a excessos de toilette e à dança ⁹⁹.

Também Juno é movida contra Hércules por um ciúme e uma raiva incontidos. Irritada por os trabalhos que lhe impôs afinal redundarem em glória (*Her. F.* 34-36) e indómita virtude, valendo a Hércules ser cultuado como um deus (v. 39), Juno apressa-se a traçar dele a imagem dum tirano. Este jovem violento (v. 42-44), com a sua mão forte (v. 114) e *superbifica* (v.58), vence até os deuses infernais (v. 47-48), provoca temor (v. 61), e, enquanto *superbus* (v. 89), ambiciona chegar até junto dos deuses supremos (v. 74).

Mas despeito, ciúme e inimizade política não ajudam a formar um juízo correcto e, por isso, Dejanira, arrependida, fará uma verdadeira palinódia do marido ao lastimar o dano que, com a sua morte, causou aos povos de todo o mundo (*Her. O.* 854-855), destruindo o justiceiro, o vingador e castigador de tiranos e maus reis (*Her. O.* 873-879).

Este louvor virá a explicitar-se também na boca de figuras que lhe são afectas. Seu pai Anfitrião chama-lhe *nobilis*, *magnanimus* e *magnus* ¹⁰⁰,

⁹⁶ *Her. O.* 424: *causa bellandi est amor*; v. 419: *quod amet requirit, uirginum thalamos petit*.

⁹⁷ *Her. F.* 430 e 450 (*famulus*), 432 (*regi seruit*); e 452 (*exul*).

⁹⁸ Quanto à *uirtus*, exercida perante feras, vide *Her.F.433-434*, em invectiva de sabor epicurista, a comparar com *Lucr.* 5.22-42; para a *fortitudo*, cf. v. 464-472.

⁹⁹ Vestuário: v. 467; 471 (*mitra persa*); perfumes: v. 469; dança, v. 470-471. A invectiva ataca tanto a figura política de Hércules como a sua moralidade pessoal (cf. v. 477-480).

¹⁰⁰ Ver *Her. F.* 310 para *magnanimus*; v. 625 e 760 para *nobilis*; os v. 439 e 646 repetem o epíteto *magnus*, usado por Teseu no v. 829 (e por Filoctetes em *Her. O.*1756); a mensagem

exalta as suas provas de *uirtus* (*Her. F.* 647), capaz, como recorda Teseu, de aterrorizar os próprios monstros infernais ¹⁰¹.

Depois de ser atingido pela magia de Dejanira, e após um transe de violenta dor e até de choro, Hércules aprende a dominar a dor e a aceitar o destino, graças à ajuda de sua mãe Alcmena (*Her. O.* 1374 ss., 1427 ss.) e de seu filho Hilo (v. 1456 ss.). Transforma-se, assim, na imagem da imperturbabilidade ¹⁰², no exemplo de *fortitudo animi* e de *maiestas* (*Her. O.* 1743-1746), de *conscia uirtus* (*Her. O.* 1207), capaz de enfrentar a morte, de olhos bem abertos, mesmo quando já ardia a sua barba e o seu rosto (*Her. O.* 1752-1755), e de alcançar *aeterna uirtus* ¹⁰³.

Esta caracterização é passível de dupla interpretação, e só a adjectivação pode aclarar o significado de certos conceitos. De facto, força e ira conferem-lhe facetas sobre-humanas que tendencialmente dele fazem um monstro e um tirano ¹⁰⁴. A sua *uirtus* indómita leva-o a exorbitar, a fazer trabalhos que não haviam sido ordenados, executados por uma *horrida* e *saeua manus* ¹⁰⁵. Hércules é um espírito *tumidus* (*Her. O.* 142), *intrepidus* e *ferox* (v. 1751), com excessivo gosto pelo sangue (*Her.F.*920 ss.), aspirando não a uma corregência ou vicariato de Júpiter, mas a reinar sobre uma parte do céu (*Her. O.* 87-89). Estas características são em grande parte reconhecidas pelos próprios familiares e amigos ¹⁰⁶.

é completada com outros elogios próprios de um vencedor universal: no v. 442 subjaz *pacator* (cf. *Her. O.* 1989-1990: *domitor ferarum ... orbis pacator*) e, no v. 619 aparece *domitor orbis et Graiū decus*.

¹⁰¹ *Her.F.*778. O seu olhar era suficiente para matar (v. 1022-1023: no caso, trata-se do próprio filho).

¹⁰² *Her.O.*1645, (cf. 1684), 1741. Hércules é agora capaz não só de dominar as próprias lágrimas (v.1686-1690) como até de levar outros a dominar-se (v. 1497-1498, 1506-1507, 1673-1679).

¹⁰³ *Her. O.* 1835; cf. referência à sua ínclita *uirtus* (v.984) e à sua *iusta manus* (cf. *Her.F.*272).

¹⁰⁴ *Her.O.*1214-1217 e 1814 (*manus*); 1230 (*ingens corpus*); v. 55-56 e *Her. F.* 1280 (monstruosidade).

¹⁰⁵ Trabalhos não ordenados: *Her. O.* 61-63; referência à *manus*: *Her. O.* 413 (*horrida*), 429 (*saeua*), 1814; *Her. F.* 1235 (*nouercales manus*).

¹⁰⁶ A propósito do acesso de loucura, em vários passos Anfitrião lhe reserva conceitos do género, e.g. *Her. F.* 1220: *ira*; 901: *caecus furor* (cf. 1005, 1049 e 1220); 975: *dementem impetum*; v. 1013: *infestus*; Mégara chama-lhe *amens* (*Her. F.* 1021). Em desesperada auto-ineciva, Hércules repete estes temas e acrescenta outros, e.g. *Her. F.* 1226: *Pectus o nimium ferum*; v. 1228-1229: *durus uultus*; v. 1199: *Hoc nostrum est scelus* (cf. v. 1262, 1278-1280); v. 1167: *ira*; 1240 e 1261: *furor*. W. H. Friedrich 1972 139 anota a sua tendência para a *hybris*.

Mas a sua ira é também qualificada de legítima, ao serviço da justiça, como bem é recordado por Andrómaca a Ulisses, a propósito do perdão concedido a Príamo (*Tro.* 729-731):

AND. Hoc fuit illo uictore capi!
Discite mites Herculis iras.
An sola placent Herculis arma?

ANDRÓMACA Nisto consistiu ser capturado por aquele
[vencedor!
Aprendeis as clementes iras de Hércules!
Ou só vos agradam as armas de Hércules?

De facto, a própria ira vai ser vencida, a convite de Teseu, que nessa vitória situa a verdadeira *uirtus* (*Her. F.* 1275-1277), e Hércules transforma-se em paradigma de uma governação baseada na *clementia*.

Nas suas próprias palavras, e nas de sua esposa Mégara, Hércules é de facto o destruidor de maus reis e tiranos, enfim, de todo o mal¹⁰⁷. Defende os ideais de paz (v. 929), a erradicação da tirania e do crime¹⁰⁸. Hércules considera-se mesmo destinado a uma espécie de vicariato de Júpiter, convicto de que a sua morte significará a ruína do mundo¹⁰⁹.

Afigura-se deste modo que nos é proposto, essencialmente pela boca de mulheres, um modelo de governação paradigmático, o qual é aclarado pelo próprio herói quando regressa dos infernos e mata Lico. Mas logo aí vai sacrificar aos deuses com as mãos sujas de sangue, a antecipar o acesso de loucura (*Her. F.* 918-924).

As características benévolas desse modelo são realçadas pelo Coro das Etolianas, que lamentam a sua decisão de suicídio e lhe prometem a imortalidade astral¹¹⁰:

¹⁰⁷ *Her. F.* 272, 431, 895-897, 936-939. Para P. Grimal 1992 412ss., Hércules, anacronicamente caracterizado como triunfador romano, ilustra aquilo que Séneca desejaria para Roma, “une monarchie inspirée par le stoïcisme”.

¹⁰⁸ *Her. O.* 936-937. Ideias repetidas ao longo da tragédia: promotor da paz (v. 3); destruidor dos reis pérfidos (v. 5) e dos *saeui tyranni* (v. 6). Para Mégara, Hércules é o autor da paz, cuja ausência provocará a degeneração dos costumes (v. 250-258). E, ao trazer as cinzas do herói, recorda-o como castigador de todo o *rex saeuus* (*Her. O.* 1783-1784) ou *cruentus* (v. 1814-1820), merecedor de ser chorado por todo o mundo (v. 1858-1860) por ter libertado as gentes de tiranos (v.1867 ss.) e até de governar todo o mundo (v. 1910: *Vbi promissi regia mundi?*).

¹⁰⁹ Ver, respectivamente, *Her. O.* 87-89, 1143-1144 e 1150 (cf. 1241-1245).

¹¹⁰ O passo transcrito é de *Her. O.* 1541-1544 e 1581. Imortalidade astral: cf. 1571, 1581, 1645.

CHORVS Quis dabit pacem populo timenti
 si quid irati superi per orbem
 iusserint nasci? Iacet omnibus par
 quem parem tellus genuit Tonanti.
 (...) tu comes Phoebi, comes ibis astris.

CORO Quem dará a paz ao povo atemorizado
 se os deuses fizerem nascer no orbe
 um ser irado? Igual a todos jaz
 aquele que a Terra gerou igual a Júpiter
 (...) Tu, companheiro de Febo, irás para companheiro dos astros.

Noutro passo, o Coro anuncia a sua transformação em juiz do além
 (*Her. O.* 1587-1594):

CHORVS Te, pater rerum, miseri precamur:
 nulla nascatur fera, nulla pestis,
 non duces saeuos miseranda tellus
 horreat, nulla dominetur aula
 qui putet solum decus esse regni
 semper impendens tenuisse ferrum;
 si quid in terris iterum timetur,
 uindicem terrae petimus relictæ.

CORO A ti, pai do universo, infelizes, imploramos,
 que nenhuma fera nasça, nenhuma peste,
 que a terra infeliz não mais sinta o horror de chefes
 cruéis, não seja dominada por uma corte
 que julgue que o único esplendor da monarquia
 é ter sempre pendente a espada.
 Se algo na terra de novo infundir temor,
 pedimos para a terra abandonada um vingador.

Com tal palmarés, não admira que Hércules mereça a imortalidade
 astral, largamente preparada ao longo de *Hércules sobre o Eta*, até terminar
 no desfecho de um *deus ex machina*, purificado pelo fogo e, portanto,
 habilitado a explicar, como deus e filósofo, a sua apoteose ¹¹¹:

¹¹¹ Passos transcritos: *Her. O.* 1940-1944 e 1971; ideia da purificação pelo fogo:
 v. 1966-1967.

VOX HERCVLIS Quid me tenentem regna siderei poli
 caeloque tandem redditum planctu iubes
 sentire fatum? Parce: iam uirtus mihi
 in astra et ipsos fecit ad superos iter.
 (...) uirtus in astra tendit, in mortem timor.

VOZ DE HÉRCULES A mim, que finalmente ocupo o reino do
 [sidéreo pólo,
 regressando ao céu, porque me convidas com teu choro
 a pensar no destino? Pára. A virtude abriu-me já caminho
 para os astros e para os próprios deuses.
 (...) A virtude conduz aos astros, o temor à morte.

Esta imortalidade astral, de sabor ciceroniano, na linha da recompensa do evergetismo, faz nascer um novo deus e um novo Júpiter, segundo palavras do Coro, que encerra a tragédia com uma parénese onde é prometida a glória eterna a quem viver na virtude, a exemplo de Hércules, consagrado adjuvante de Júpiter ¹¹²:

CHORVS Numquam Stygias fertur ad umbras
 inclita uirtus: uiuite fortes ...
 (...) iter ad superos gloria pandet.
 Sed tu, domitor magne ferarum
 orbisque simul pacator, ades;
 nunc quoque nostras respice terras
 et si qua nouo belua uoltu
 quatiet populos terrore graui,
 tu fulminibus frange trisulcis:
 fortius ipso genitore tuo
 fulmina mittes.

CORO Nunca para as sombras do Estígio nos conduz
 uma ínclita virtude: vivei na fortaleza ...
 (...) A glória abre-nos o caminho para o céu.
 E tu, ó grande domador das feras
 e pacificador do orbe, ouve-nos!
 Zela agora também pelas nossas terras:
 e se acaso algum monstro de aspecto inaudito

¹¹² *Her. O.* 1983-1984, 1989-1996; e diz Alcmena no v. 1980: *Es numen et te mundus aeternum tenet*. O tema do culto do imperador parece subjacente a *Thy.* 463-464.

perturbar os povos com pesado terror,
tu, derruba-o com teus raios trissulcos:
serás mais forte que teu próprio pai
a enviar os raios!

Assim, enquanto herói trágico, como de resto no plano filosófico, Hércules é uma figura controversa. Dotado de qualidades tirânicas, chega a exercer, em momentos de loucura, um poder caracterizado por furor e ira. Mas, depois de longa caminhada de sofrimento, afirma-se como sábio verdadeiro, como filantropo e restabelecedor da paz, como paradigma da governação apoiada na virtude, na ira justa, na clemência, como derrubador de tiranos, como modelo do sábio impassível e, portanto, merecedor de glória e de imortalidade astral ¹¹³.

3 – CONCLUSÃO

Analisado o discurso político e traçado o retrato dos três tipos de herói político da tragédia de Séneca, podemos concluir.

Com o primeiro tipo de herói, Séneca pretende condenar de forma clara todo o poder de cariz tirânico; com o segundo, advertir para a perversão inerente a todas as formas de poder, mesmo quando algumas boas lições e intenções estejam na cabeça dos governantes; com o terceiro, Séneca propõe um modelo objectivo e positivo de governação estoíca; mas aqui trata-se tanto de governação política como de *imperium sui*.

O segundo e terceiro tipos de herói são padrões que, apesar do carácter retórico, revelam traços muito humanizados, e embora o segundo contenha um travo de pessimismo, o último representa a abertura optimista para a aceitação individual do destino, seja ele qual for, e para uma verdadeira definição de *uirtus* como autodomínio ou *imperium sui*, única fonte de glória verdadeira. Trata-se de uma alegoria optimista da condição humana.

A não apresentação de qualquer modelo linear de paradigma positivo, além de se basear num grande realismo, permite, sob o ponto de vista filosófico, reiterar a mensagem ideal do *sapiens* como modelo teórico e

¹¹³ Como escreve P. Grimal 1992 410, “Il existe donc dans le stoïcisme, dès l’origine, une parenté ontologique entre les rois et les Sages”. A promessa da imortalidade astral é uma forma de culto do bom governante, daquele que desempenha o poder *in uice Iouis*. Sobre o tema da apoteose e divinização do governante em autores do Alto Império romano, cf. F. Oliveira 1992 335-336.

objectivo a alcançar, mas na consciência de que esse modelo só se alcança nos trabalhos de toda a vida, dia a dia, e que, na realidade concreta, *nemo mortalium omnibus horis sapit* ‘nenhum mortal é sábio a todas as horas’¹¹⁴.

A aplicação desta mensagem ao mundo romano coevo é evidente, quer na síntese filosófica que aproveita motivos epicuristas, cínicos e estóicos, quer na presença de uma visão muito pragmática e realista do combate da vida e da realidade do poder, quer na frequente intertextualidade em relação à literatura latina, quer na geral coloração romana de uma ideologia unificadora e actualizadora da mensagem política, a Ideologia do Principado¹¹⁵.

Nela avultam a tradicional execração da tirania¹¹⁶, a importância e os perigos do *entourage*, incluindo o feminino; os perigos do exercício e da proximidade do poder; a visão moral da política, com condenação da *libido*, do luxo e da *avaritia*; a actualidade do poder monocrático.

4 – BIBLIOGRAFIA

4.1 – EDIÇÕES E ÍNDICES

- OLDFATHER, W. A. – PEASE, A. S. – CANTER, H. V., *Index uerborum quae in Senecae fabulis necnon in Octavia praetexta reperiuntur*, Hildesheim, G. Olms, 1964.
- SENECA, *Agamemnon*, ed. with a comm. by R. J. TARRANT, Cambridge U. P., 1976.
- SENECA, *Phaedra*, ed. by M. COFFEY and R. MAYER, Cambridge U. P., 1990.
- SÉNECA, *Tiestes*, Introd., trad. e notas de J. A. Segurado e CAMPOS, Lisboa, Verbo, 1996.
- SÉNECA, *Tragédias*, 2 vols, introd., trad. y notas de J. LUQUE MORENO, Madrid, Gredos, 1979-1980.
- SENECA, *Tragedies*, ed. MILLER, F. J., Cambridge, Harvard U. P., I: 1979; II: 1987.
- LUCIO ANNEO SENECA, *Tragedie*, edd. G. GIARDINA – R. C. MELLONI, Torino, Classici, 1987.
- LÚCIO ANEU SÉNECA, *As Troianas*, introd., trad. e notas de Z. A. CARDOSO, São Paulo, HUCITEC, 1997.
- L. ANNAEI SENECAE *Tragodiae*, ed. Oed. ZWIERLEIN, Oxford Classical Texts, 1986.
- SENECA’S, *Phoenissae*, introd. and comm. by M. FRANK, Leyde, Brill, 1995.

¹¹⁴ Expressão de Plin.Nat.7.131.

¹¹⁵ Voluntariamente, não enfatizei a própria existência de auto-citação ou as possíveis referências a personagens e acontecimentos da época.

¹¹⁶ G. B. Conte 1987 319: “...nella tragedia latina ... era sempre stata forte l’ispirazione repubblicana e l’esecrazione della tiranide”; cf. E. Lefèvre 1985 1246 ss.; para Segurado e Campos 1982 231, a importância da temática do poder na tragédia de Séneca corresponderia a um momento psicológico em que os Romanos se interrogariam sobre a legitimidade de todo o poder único que se apoiasse na força.

- SENECA's, *Thyestes*, ed. with introd. and comm. by R. J. TARRANT, Atlanta, Scolars Press, 1985.
- SENECA's, *Troades*. A literary introd. with text, translation and commentary by E. FANTHAM, Princeton U. P., 1982.
- SENECAS *Phoenissen*. Einleitung und Kommentar von Th. HIRSCHBERG, Berlin, de Gruyter, 1989.
- SÉNÈQUE, *Tragédies*, texte établi et traduit par L. HERRMANN, Paris, Les Belles Lettres, I: 1989, II: 1982.

4.2 – ESTUDOS

- ABEL, K., "Seneca, Leben und Werk", in: *ANRW* 1985 2.32.2 653-775.
- AUVRAY-ASSAYAS, C., "La problématique juridique dans l'*Hercule furieux* de Sénèque: dramaturgie et réflexion philosophique", in: *Theater und Gesellschaft im Imperium Romanum*, hrsg. J. Blänsdorf, Tübingen, Francke, 1990, 133-140.
- BELLINCIONI, M., *Potere ed etica in Seneca. Clementia e uoluntas amica*, Brescia, Paideia ed., 1984.
- BÉRANGER, J., *Recherches sur l'aspect idéologique du Principat*, Bâle, Reinhardt, 1953.
- BLITZEN, C., "The Senecan and Euripidean *Medea*", *CB* 52 1976 86-90.
- BOYLE, A. J., "In nature's bonds: a study of Seneca's *Phaedra*", in: *ANRW* 23.2 1985 1284-1342.
- CANCIK, H., "Seneca und die römische Tragödie. Der literaturgeschichtliche Rahmen", in: *Neues Handbuch der Literaturwissenschaft. Römische Literatur*, hrsg. M. FUHRMANN, Frankfurt, Athenion, 1974, p. 251-260.
- Segurado e CAMPOS, J., *Séneca: Cartas a Lucílio*, Lisboa, FCG, 1991.
- Segurado e CAMPOS, J., "Sur la typologie des personnages dans les tragédies de Sénèque", in: *Neroniana 1977*, edd. CROISILLE, J.-M. – FAUCHÈRE, P.-M., Clermont-Ferrand, Adosa, 1982, p.223-232.
- Segurado e CAMPOS, J., *A Tragédia Octavia. A obra e a época*, 2 vols., ed., trad. e com., Lisboa, Faculdade de Letras, 1972.
- Segurado e CAMPOS, J., "Notas para uma leitura da *Phaedra* de Séneca", *Euphrosyne* 12 1984 155-176.
- CONTE, G., B., *Letteratura latina. Manuale storico dalle origini alla fine dell'impero romano*, Firenze, Le Monnier, 1987.
- CURLEY, Th. F., *The Nature of Senecan Drama*, Roma, Ateneo, 1986.
- DAHLMANN, H., "Seneca und Rom", in: *Prinzipat und Freiheit*, hrsg. R. KLEIN, Darmstadt, W. B., 1969, p.26-270.
- DANGEL, J., "Sénèque et Accius: continuité et rupture" in: *Theater und Gesellschaft im Imperium Romanum*, hrsg. J. BLÄNSDORF, Tübingen, Francke, 1990, p.107-122.
- DIHLE, A., *Greek and Latin Literature of the Roman Empire, from Augustus to Justinian*, London, Routledge, 1994.
- DUDLEY, D. R., ed., *Neronians and Flavians. Silver Latin I*, London, Routledge, 1972.
- J. R. DUNKLE, "The Greek Tyrant and Roman Political Invective of the Late Republic", *TAPhA* 98 1967 151-171.

- DUPONT, F., *L'acteur roi. Le théâtre dans la Rome antique*, Paris, Les Belles Lettres, 1986.
- DUPONT, F., "Le personnage et son mythe dans les tragédies de Sénèque", in: *Actes du IX Congrès Ag.G. Budé 1973*, Paris, Les Belles Lettres, 1975, p.447-458.
- DUPONT, F., "Le prologue de la *Phèdre* de Sénèque", *REL* 69 1991 124-135.
- EVANS, E., "A stoic aspect of Senecan drama. Portraiture", *TAPA* 81 1950 169-184.
- FAVEZ, Ch., "Le roi et le tyran chez Sénèque", in: *Hommages L. Herrmann*, Bruxelles, Latomus, 1960, p.346-349.
- FRIEDRICH, W. H., "Die Raserei des Hercules", in: *Senecas Tragödien*, hersg. E. LEFÈVRE, Darmstadt, W. B., 1972, p. 131-148.
- GIARDINA, G. C. "Per un inquadramento del teatro di Seneca nella cultura e nella società del suo tempo", in: A. TRAINA, *Seneca. Letture critiche*, Milano, Mursia, 1976, p. 153-163.
- GIANCOTTI, F., *Saggio sulle tragedie di Seneca*, Roma-Napoli, Alighieri, 1953.
- GIANCOTTI, F., *Poesia e filosofia in Seneca tragico. La "Fedra"*, Torino, CELID, 1986.
- GRIFFIN, M., *Seneca. A Philosopher in Politics*, Oxford UP, 1992.
- P. GRIMAL, *Sénèque ou la conscience de l'empire*, Paris, Les Belles Lettres, 1979, esp. p. 424-431.
- P. GRIMAL, "L'image du pouvoir royal dans les tragédies de Sénèque", *Pallas* 38 1992 379-390.
- HELLEGOUARCH, J., *Le vocabulaire latin des relations et des partis politiques sous la République*, Paris, Les Belles Lettres, 1972.
- HENRY, D. & E., *The Mask of Power. Seneca's Tragedies and Imperial Rome*, Warminster, Aris and Philips, 1985.
- HERRMANN, L., *Le théâtre de Sénèque*, Paris, Les Belles Lettres, 1924.
- HINE, H., "The structure of Seneca's *Thyestes*", in: *Papers of the Liverpool Latin Seminar III*, 1981, ed. F. CAIRNS, Liverpool, ARCA, 1981, p.259-275.
- KENNEY, E. J. – CLAUSEN, W. V., edd., *The Cambridge History of Classical Literature*, Cambridge U. P., 1982 (trad. esp. de E. BOMBÍN, *Historia de la Literatura Clásica (Cambridge University)*). II. *Literatura latina*, Madrid, Gredos, 1989).
- KNOCH, U., "Senecas *Atreus*. Ein Beispiel", in: *Senecas Tragödien*, hersg. E. LEFÈVRE, Darmstadt, WB, 1972, p. 477-489.
- LANA, I., "Seneca e la poesia", in: A. TRAINA, *Seneca. Letture critiche*, Milano, Mursia, 1976, p. 137-152.
- LAWALL, G., "Seneca's *Medea*. The elusive triumph of civilization", in: *Arktouros. Studies to B. M. Knox*, edd. G. W. BOWERSOCK – W. BURKERT – C. J. PUTNAM, Berlin, de Gruyter, 1979, p.419-426.
- LEEMAN, A. D., "Seneca's *Phaedra* as a stoic tragedy", in: *Misc. Kamerbeek*, Amsterdam, Hakkert, 1976, p.199-212.
- LEFÈVRE, E., "Schicksal und Selbstverschuldung in Senecas *Agamemnon*", in: *Senecas Tragödien*, hersg. E. LEFÈVRE, Darmstadt, W. B., 1972, p. 457-476.
- LEFÈVRE, E., "Die politische Bedeutung von Senecas *Phaedra*", *WS* 103 1990 109-122.
- LEFÈVRE, E., "Die politische Bedeutung der römischen Tragödie und Senecas *Oedipus*", in: *ANRW* 2.32.2 1985 1242-1262.
- LEFÈVRE, E., "Die philosophische Bedeutung der Seneca-Tragödie am Beispiel des *Thyestes*", in: *ANRW* 2.32.2 1985 1263-1283.

- MADER, G., "Tyrant and tyranny in act III of Seneca's Oedipus", *GB* 19 1993 103-128.
- MARTINA, A., "Il mito della casa di Atreo nella tragedia di Seneca", *Dioniso* 52 1981 125-209.
- MAURACH, G., "Jason und Medea bei Seneca", *AA* 12 1966 125-140; reeditado em *Senecas Tragödien*, hersg. E. LEFÈVRE, Darmstadt, W. B., 1972, p. 292-320.
- MENDELL, C. W., *Latin Poetry. The Age of Rhetoric and Satire*, Hamden, Archon Books, 1967.
- MEDEIROS, W. de, "A donzela no carro do Sol: os caminhos do abismo e da redenção na *Medeia* Senequiana", in: *Medeia no drama antigo e moderno*, Coimbra, INIC, 1991, p.45-56.
- MERZLAK, R. F., "*Furor* in Seneca's *Phaedra*", in: *Studies in Latin Literature and Roman History*, ed. C. DEROUX, Bruxelles, Latomus, 1983, p. 193-210.
- NUSSBAUM, M., "Poetry and the passions: two Stoic views", in: *Passions and Perceptions. Studies in Hellenistic Philosophy of Mind*, edd. J. BRUNSCHWIG – M. NUSSBAUM, Cambridge U. P., 1993, 97-149.
- OLIVEIRA, F., *Les idées morales et politiques de Pline l'Ancien*, Coimbra, CECH, 1992.
- OPELT, I., *Die lateinischen Schimpfwörter und verwandte sprachliche Erscheinungen. Eine Typologie*, Heidelberg, C. Winter, 1965.
- OPELT, I., "Zu Senecas Phoenissen", in: *Senecas Tragödien*, hersg. E. LEFÈVRE, Darmstadt, W. B., 1972a, p.272-285.
- OPELT, I., "Senecas Konzeption des Tragischen" in: *Senecas Tragödien*, hersg. E. LEFÈVRE, Darmstadt, W. B., 1972b, p. 92-128.
- PAOLI, A., "La morte di Astianatte in Seneca: aspetti rituali e magia", *Prometheus* 18 1992 173-186.
- PENNA, A. La, "Atreo e Tieste sulle scene Romane. Il tiranno e l'atteggiamento verso il tiranno", in: *Studi Cataudella*, I, Catania, Facoltà di Lettere, 1972, p. 357-371.
- G. PICONE, *La 'fabula' ed il regno. Studi sul Thyestes di Seneca*, Palermo, Palumbo, 1984.
- PIMENTEL, M. C., *Quo uerget furor? Aspectos estóicos na Phaedra de Séneca*, Lisboa, Colibri, 1993.
- POCIÑA PÉREZ, A., "Finalidad político-didáctica de las tragedias de Seneca", *Emerita* 44 1976 279-301.
- POE, J. P., "An analysis of Seneca's *Thyestes*", *TAPhA* 100 1969 357-376.
- PRATT, N. T., *Seneca's Drama*, Chapel Hill, University of North California Press, 1983.
- SCHMIDT, P. L., "Die Poetisierung und Mythisierung der Geschichte in der Tragödie Octavia", in: *ANRW* 2.32.2 1985 1421-1453.
- SCHMITZ, Ch., *Die kosmische Dimension in den Tragödien Senecas*, Berlin, de Gruyter, 1992.
- SEGAL, Ch., "Senecan baroque: the death of Hippolytus in Seneca, Ovid, and Euripides", *TAPhA* 114 1984 311-325.
- SIPPLE, A., *Der Staatsmann und Dichter Seneca als politischer Erzieher*, Würzburg, K. Triltsch, 1938.
- SOLIMANO, G., "Opposizione e composizione dei personaggi nel finale della *Phaedra* di Seneca", *SIFC* 4 1986 80-105.

- SOLIMANO, G., "La visione del potere in Seneca" in: *Atti dei convegni 'Il mondo scenico di Plauto' e 'Seneca e i volti del potere'*, Genova, Brigati, 1995, 139-153.
- SORENSEN, V., *Seneca*, Roma, Salerno, 1988.
- TANNER, R. G., "Stoic philosophy and Roman tradition in Senecan tragedy", in: *ANRW* 2.32.2 1985 1100-1133.
- TRAINA, A., *Seneca. Letture critiche*, Milano, Mursia, 1976.
- WALLACE-HADRILL, A., "The emperor and his virtues" *Historia* 30 1981 298-319.
- WALTER, St., *Interpretationen zum Römischen in Senecas Tragödien*, Diss Zürich, 1975.
- WILLIAMS, G., "Poet and audience in Senecan tragedy: *Phaedra* 358-430", in: *Author and audience in Latin Literature*, edd. WOODMAN, T. – POWELL, J., Cambridge U. P., 1992, p. 138-149.